

## A PRÁTICA DE OFICINA PEDAGÓGICA SUSTENTÁVEL COMO FERRAMENTA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

### THE SUSTAINABLE PEDAGOGICAL WORKSHOP PRACTICE AS A TOOL IN TEACHING GEOGRAPHY

**Elvis Reis de Oliveira**

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo  
E-mail: elvisgeoufes@gmail.com

**Maicon Lemos Sathler**

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo  
E-mail: maiconsathler@gmail.com

#### RESUMO

O trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão acerca das questões ambientais como assunto e conteúdo da disciplina de Geografia, tendo como unidade de análise o levantamento teórico do assunto discutido. A metodologia incluiu uma exposição dialogada, com suporte de vídeo, e colagem, visando uma reflexão inicial dos alunos. Para Kimura (2011) o trabalho do professor de Geografia é muito complexo, em especial nas categorias eminentemente geográficas, pois existe uma dificuldade de leitura do mundo, e devemos lembrar que os conceitos geográficos nada mais são que uma interpretação parcial da realidade. O mundo, afinal, constitui-se de uma produção humana, e o ensinar-aprender reflete a identidade social que é construída no ambiente escolar. Nesse sentido, quando pensamos no caráter formador de cidadania da Geografia, em especial quando tratamos da temática do meio ambiente, é preciso que os alunos estejam conscientes dos problemas que o país enfrenta para poderem contribuir de maneira mais afetiva para a sua solução.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; sustentabilidade; Geografia.

#### ABSTRACT

*The aim of this paper is to reflect on environmental issues as the subject and content of the Geography subject, having as a unit of analysis the theoretical*

*survey of the subject discussed. The methodology included a dialogued exhibition, with video support, and collage, aiming at an initial reflection of the students. For Kimura (2011) the Geography teacher's work is very complex, especially in the eminently geographical categories, as there is a difficulty in reading the world, and we must remember that geographical concepts are nothing more than a partial interpretation of reality. The world, after all, consists of human production, and teaching-learning reflects the social identity that is built in the school environment. In this sense, when we think about the formative character of citizenship in Geography, especially when dealing with the theme of the environment, it is necessary for students to be aware of the problems that the country faces in order to be able to contribute in a more affective way to its solution.*

**Keywords:** *Environmental Education; sustainability; Geography.*

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão acerca das questões ambientais como conteúdo da disciplina de Geografia, potencializando a formação cidadã do discente. Sendo assim, ele emerge de oficinas realizadas durante o ano letivo de 2019 na condição de professor de Geografia da rede municipal de Serra - ES. A escola é um espaço privilegiado de reflexão e tem, portanto, o papel de orientar os alunos sobre a temática ambiental e a visão integrada de mundo, com ações interessantes e projetos que levem a participação e ao comprometimento pessoal dos alunos com a proteção ambiental.

Todavia, muitas vezes, a escola sai do seu papel reflexivo para tornar-se espaço de reprodução de uma cultura que é predatória e nociva ao ambiente. Por vezes, limita-se apenas a “transmitir” informações, sem aguçar a criticidade de seus alunos. Os estudantes devem desenvolver suas potencialidades, adotando posturas pessoais e comportamentos construtivos que construam uma sociedade justa e um ambiente saudável.

Com o entendimento de que a natureza é uma fonte não-renovável de recursos, a Educação Ambiental deve conduzir o aluno a uma convivência harmoniosa com o ambiente, auxiliando-o a analisar criticamente os princípios que têm levado à degradação inconsequente dos recursos naturais, ou seja,

deve transcender o ambiente escolar, formando um cidadão mais atuante em sua comunidade. Com a integração à comunidade e fora do ambiente escolar, o aluno será capaz de continuar seu processo de socialização. O professor – como mediador e principal promotor da Educação Ambiental – deve criar condições para que seja um processo contínuo e permanente, ajudando o aluno a perceber a relação dos fatos e a ter uma visão integrada de mundo. Por isso, a Educação Ambiental deve ser tratada de forma sistemática e transversal, em todos os níveis de ensino, assegurando a interdisciplinaridade nos currículos das diversas disciplinas e das atividades escolares.

Quanto aos problemas que dizem respeito ao meio ambiente, deve-se em parte às pessoas que não estão aptas para delimitar e resolver problemas concretos de seu ambiente imediato, já que a abordagem pedagógica e didática de educação ambiental aparece apenas nos anos 80.

Alguns obstáculos, como alteração da rotina da escola, número de alunos, vontade e predisposição dos professores em implementar algum tipo de projeto ambiental, entre outros, dificultam a implantação dessas atividades e projetos, além da manutenção e continuidade dos projetos já existentes.

A busca de alternativas metodológicas que façam convergir o enfoque de disciplinar em interdisciplinar; a barreira rígida da estrutura curricular em termos de grade horária e conteúdos mínimos, avaliações; e sensibilização do corpo docente para a mudança de uma prática estabelecida, frente a novos trabalhos que exigem ação e criatividade são as três maiores dificuldades a serem vencidas no processo de implementação da Educação Ambiental (EFFTING, 2007). A escola deve posicionar-se por um processo que não seja agressivo ou exclusivista, mas que preze pela cooperação dos alunos. Projetos ou atividades isoladas não alcançam a mudança necessária para se reduzir o consumo e transcender o ambiente escolar. Quando propomos a implementação de um projeto educacional para o meio ambiente, estamos facilitando aos alunos uma compreensão dos

problemas que existem ao seu redor, do aluno como protagonista no ambiente, de suas responsabilidades e do seu papel crítico enquanto cidadãos pertencentes a um todo.

Procuramos desenvolver as competências e os valores que os farão repensar suas atitudes diárias e as consequências no ambiente em que vivem e se relacionam, tornando-os conscientes da nova visão sobre seu ambiente, e, por si mesmo serão educadores ambientais em suas comunidades.

Podemos aqui utilizar um conceito apresentado por Castellar e Vilhena (2010), de educação geográfica – cujo fim é inserir o homem em seu meio, com conhecimento de sua origem e evolução, para que compreenda e transforme sem prejuízo – mais bem entendido quando se explica,

contribui para que os alunos reconheçam a ação social e cultural de diferentes lugares, as interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza que ocorrem em diferentes momentos históricos. Isso porque a vida em sociedade é dinâmica, e o espaço geográfico absorve as contradições em relação aos ritmos estabelecidos pelas inovações no campo da informação e da técnica, o que implica, de certa maneira, alterações no comportamento e na cultura da população dos diferentes lugares (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 10).

A educação geográfica não só contextualiza os processos referentes à problemática ambiental, mas também confirma a relevância da Geografia os estudos de sustentabilidade na educação ambiental.

Cabe ressaltar que a ideia de educação geográfica contribui nos processos de construção de identidade, ou seja, a questão não é definir o saber geográfico a ser ensinado, mas como fazê-lo para que o aluno aprenda. No processo de aprendizagem é importante estabelecer os níveis de formulação de um conceito e adequá-lo a cada série e idade.

O geógrafo Mauro Guimarães (2000) defende que a Educação Ambiental crítica permite a transformação social em direção a novos paradigmas de justiça social e qualidade ambiental, e essa definição é, antes de tudo, uma proposta política e pedagógica. Também se apoia na prática

pedagógica cotidiana e na militância ecologista.

Nesse contexto, a Geografia, enquanto disciplina escolar, apresenta-se na atualidade como aporte para que os discentes e docentes engrandecem suas representações sociais e seu conhecimento sobre os diversos aspectos do âmbito social, natural e histórico, compreendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação (PONTUSHKA, 2009).

Configura-se, portanto, como ensino que prepara para a cidadania e a vida em sociedade, o que coloca o professor, principalmente, do Ensino Fundamental como peça-chave no preparo dos alunos para encarar os desafios futuros, em especial a questão ambiental. O que percebemos na realidade, é que existe um reconhecimento, mesmo que difuso, em segmentos variados da sociedade a respeito da gravidade da crise ambiental, bem como uma consciência maior da necessidade de fazer algo realmente para a superação do problema (GUIMARÃES, 2000).

É pensando no professor de Ensino Fundamental, que tem o desafio de trabalhar a temática ambiental em sala de aula, que buscamos possibilidades para a prática docente voltada para uma abordagem interdisciplinar e interativa com os alunos que proporcione uma percepção da necessária integração do ser humano com o meio ambiente, pois, segundo Kimura (2011), o ponto de partida inicial para ensinar-aprender Geografia é buscar o ponto de vista do aluno, incentivá-lo a expressar seu fazer-pensar geográfico, pois quando utilizamos bases empíricas para entender o conhecimento científico, realizamos um exercício que articula o fazer o pensar.

Como o ensino da Geografia "constitui-se em um campo fértil de oportunidades para experimentar [...] várias habilidades e, desta forma, possibilita ao aluno desenvolver competências criativas de percepção e cognição [...]" (KIMURA, 2011, p. 26), o nosso trabalho teve a preocupação de desenvolver o olhar geográfico dos alunos acerca da questão ambiental, trabalhando através de oficina de sustentabilidade para as séries finais do

Ensino Fundamental, mais especificamente para uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. A turma selecionada para a realização da oficina pedagógica na escola campo corresponde ao 6º ano, antiga 5ª Série, e compõe-se de 29 (vinte e nove) alunos, com idades entre 11 (onze) a 14 (catorze) anos, de classe média baixa à classe média.

A turma apresentou um perfil curioso e inventivo no decorrer do trabalho proposto, com a intensa participação nos diálogos dos conteúdos debatidos, bem como entusiasmo na realização das atividades, tanto individuais quanto em grupo.

A classe tem cinco alunos repetentes e outros seis apresentam Necessidades Educativas Especiais<sup>1</sup>. Longe de nos intimidar durante a pesquisa, esses alunos nos auxiliaram na construção de um olhar mais sensível e construtivo para a prática docente.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O referencial teórico contém diálogos com autores que pesquisam e refletem sobre a geografia escolar, como Kimura (2011) e Castellar e Vilhena (2010); e com autores como Milton Santos (2011), Carlos Walter Porto-Gonçalves (2012) e Mauro Guimarães (2000).

As obras do geógrafo e especialista em educação Guimarães (2000), contribuem com um olhar geográfico sobre a questão do meio ambiente e sustentabilidade no âmbito educacional. Na obra “Educação Ambiental: no consenso um embate?” o autor apoia na sua prática pedagógica cotidiana e na militância ecologista, com vários diálogos teóricos onde busca romper com o atual monopólio da “Educação Ambiental” voltada especificamente para um indivíduo fora de um contexto social e político.

Outros geógrafos que nos auxiliaram na compreensão dos processos

---

<sup>1</sup> São necessidades relacionadas aos alunos que apresentam elevada capacidade ou dificuldades de aprendizagem. Esses alunos não são, necessariamente, portadores de deficiências, mas são aqueles que passam a ser especiais quando exigem respostas específicas adequadas (MENEZES, 2001).

envolvidos em toda a dinâmica da sustentabilidade foram Santos (2011) e Porto-Gonçalves (2012), que adicionam um olhar geográfico problematizador acerca das causas geradoras da crise ambiental contemporânea, no contexto da globalização capitalista.

Kimura (2011) nos trouxe questionamentos e propostas para auxiliar a prática docente, enquanto Castellar e Vilhena (2010) forneceram várias metodologias de ensino, propondo situações de aprendizagens que proporcionem novos olhares sobre a geografia escolar.

Durante a pesquisa de bases e conceitos teóricos procuramos referências em obras que tratassem especificamente da temática ambiental, em especial da sustentabilidade e educação ambiental – tais como Feldmann (2003), Grün (1996), Moran (2008) e Sirkis (2003) – para nos dar suporte teórico durante a realização das oficinas. Tais referências, aliadas às pesquisas efetuadas junto aos autores da educação e prática pedagógica – tais como Aquino (2010), Capra (2003), Effting (2007), Lima (2007), Quadros (2007), Pontuschka (2009) – nos forneceram uma contribuição significativa, garantindo nossa credibilidade ao tratar do tema com os alunos na escola-campo.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho objetiva discutir a sustentabilidade nas aulas de Geografia para o 6º ano do Ensino Fundamental, por meio de oficina, relacionando conceitos e teorias sobre educação ambiental. Acerca das metodologias de ensino, Kimura (2006) trata do equívoco de considerar o aluno como um “receptáculo dócil e vazio” onde o professor é o único dono do saber. Na primeira metade do século XX surgem as tendências metodológicas favoráveis ao desenvolvimento do pensamento. Durante o período do governo militar em fins da década de 60, a ênfase estava nas técnicas de ensino, o que resultou em uma valorização exacerbada da

técnica pela técnica. Atualmente, as metodologias são formuladas em razão do desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

Castellar e Vilhena (2010) destacam o modo como se ensina e como a criança aprende, sendo a didática da educação geográfica fundamental para o processo de aprendizagem dos alunos, pois mais que memorizar dados, é necessário que se dê ênfase à significação dos conteúdos. As autoras propõem que a organização escolar privilegie o diálogo entre teoria e prática, tornando a construção do conhecimento significativa.

Pensando nesse diálogo conhecimento-realidade, nossa proposta metodológica para trabalhar a educação ambiental, com enfoque na sustentabilidade, nos anos finais do Ensino Fundamental é de realizar a pesquisa em duas vertentes: uma teórica, com revisão de bases e conceitos sobre o ensino da geografia, em especial no que tange a educação ambiental e sustentabilidade; e outra, prática, desenvolvida na escola-campo EMEF Julite Miranda Freitas (rede municipal de ensino de Serra), com realização de oficina de sustentabilidade para os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, baseada na política dos 3Rs – Reduzir, Reutilizar, Reciclar.

Assim, foi realizada a oficina de Sustentabilidade e Meio Ambiente na escola-campo, onde a temática foi trabalhada no contexto de formação para a cidadania. A pesquisa prática investigou como os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental compreendem e vivenciam essa perspectiva geográfica da sustentabilidade e meio ambiente aqui adotada, por meio de oficina de caráter lúdico, voltada para a construção de um cidadão consciente das questões ambientais.

Dessa forma, planejamos e desenvolvemos atividades durante a oficina na escola-campo, tais como: análise e debate de audiovisuais, colagem e confecção de cartazes, desenho e pintura. Tais atividades lúdicas foram planejadas porque



os jogos e as brincadeiras são situações de aprendizagem que propiciam interação entre alunos e entre alunos e professor, estimulam a cooperação, [...] ao mesmo tempo em que ajudam na formação de conceitos. Isso significa que eles atuam no campo cognitivo, afetivo, psicomotor e atitudinal. Eles permitem integrar as representações sociais adquiridas pela observação da realidade [...] podemos afirmar que os jogos auxiliam a aprender a pensar e a pensar sobre o espaço em que se vive (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 44).

A oficina apresentou a temática “Oficina sustentável: eu, como sujeito no mundo”, porque queremos que os alunos apreendam a ideia de pertencimento, internalizando e praticando crenças, atitudes e valores constitutivos de uma sociedade ambientalmente mais justa, com essa perspectiva pretende-se construir com os alunos a noção de cidadania que engloba a temática ambiental por meio da sustentabilidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante o planejamento da oficina, o desafio inicial foi “como começar?”. Nesse aspecto, Kimura (2011) sugere iniciar identificando quem são os alunos, qual é o contexto de vida e de escolarização deles, bem como qual saber geográfico eles já possuem. Esses pontos são importantes na medida em que o professor de geografia deve primar pela relação existente entre sujeito e objeto do conhecimento (aqui incluso o conhecimento geográfico), pois é preciso considerar que tais relações são cognitivas e afetivas. As práticas sociais, compostas pela ampla rede de interações que participamos, habitam nosso olhar para com os elementos da paisagem, podendo perder a capacidade de nos referenciar, haja visto que repetição conduz a uma banalização e conseqüente perda de significado.

Prestar atenção às práticas sociais é fundamental para enxergar sua significação, permitindo que uma visão mais clara da realidade venha à tona, ou seja, “o fundamental para compreender o modo como o aluno está

'falando' do mundo é, justamente, 'ouvir' essa fala, 'ouvir' aquilo que essa fala está dizendo" (KIMURA, 2011, p.131).

A turma do 6º ano do Ensino Fundamental na qual foi trabalhada a oficina é composta por 29 (vinte e nove) alunos, sendo dois com necessidades educativas especiais, e apresenta um perfil questionador, frenético, heterogêneo, ansioso, entre outras características, que serão comentadas ao longo da análise dos resultados.

A oficina teve o intuito de fazer uma avaliação diagnóstica da turma e a construção de um conceito próprio do que é a *sustentabilidade* mediante a percepção dos próprios alunos. A execução incluiu uma exposição dialogada, com suporte de vídeo, e colagem, visando uma reflexão inicial dos alunos.

Após a apresentação e explicação de como funcionaria a oficina de sustentabilidade, foi escrita a palavra "sustentabilidade" no quadro, e solicitou-se aos alunos que dissessem o que entendiam do termo, sem se preocuparem se era o correto ou não. Palavras como *desenvolvimento, meio ambiente, consumo, natureza, água, lixo, desmatamento*, entre outras, foram as mais citadas, o que nos deixou satisfeitos. Se sustentabilidade já remetia todos a esses conceitos (até então apenas palavras), era então a hora de organizar as ideias e solidificar o termo, o que fizemos por meio de uma reflexão compartilhada visando chegar ao significado desejado para o conceito.

Ressaltamos que para esta parte inicial exigiu-se um demasiado tempo, devido à intensa participação dos alunos para expor suas opiniões. Após esta rica conversa inicial, durante a qual a turma revelou-se heterogênea, mas perspicaz, foi feita a leitura do texto "Alienação no consumo/consumo não alienado", com o qual iniciamos um debate mais intencional com os alunos, relativo à questão do consumo.

O consumir é uma necessidade humana, mas em nossa sociedade é estimulada de modo desenfreado e inconsequente, causando danos ao meio

ambiente que atingirão as gerações futuras, tornando o consumo alienado. Um dos alunos sintetizou:

*“Então tio, eu tenho que comprar, mas não muito, aí vai ter meio-ambiente pro meu irmão [...] não vai faltar água, comida, vai ter roupa e brinquedo!”*

*“Se eu poupar hoje, não vai faltar nada pra mim amanhã e nem pros outros.”*

*“Lá em casa, a gente só compra coisas quando minha mãe precisa, que é pra não gastar muito dinheiro e preservar a natureza” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).*

Em seguida, aplicamos um questionário inspirado na “pegada ambiental”, que além de revelar o nível de conscientização relativo ao consumo, fez também um breve levantamento sobre as condições socioeconômicas dos alunos. Notamos uma aparente falta de consciência coletiva, mas tal fato foi atribuído ao pouco contato com a educação ambiental e desconhecimento dos alunos acerca da questão do ser sustentável.

A Educação Ambiental deve transcender o ambiente escolar, formando um cidadão mais atuante em sua comunidade. Com a integração à comunidade e fora do ambiente escolar, o aluno será capaz de continuar seu processo de socialização. O professor, como mediador e principal promotor da Educação Ambiental deve criar condições para que seja um processo contínuo e permanente, ajudando o aluno a perceber a relação dos fatos e a ter uma visão integrada de mundo.

Após a aplicação do questionário, realizamos um pequeno debate sobre os resultados obtidos. Algumas falas discentes revelaram os múltiplos aspectos interconectados com a questão da sustentabilidade:

*“Tio, quando tem roupa que não dá em mim, a minha mãe dá para outras crianças [...]”*

*“Eu não lavo mais cabeça no chuveiro, só no tanque, assim eu economizo água.”*

*“Vou comprar outro videogame só quando o meu quebrar.” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).*

Outros comentários refletiram a realidade do bairro e da comunidade na qual as crianças residem:

*“Não sei o que é coleta seletiva. Nem passa caminhão do lixo aqui.”*

*“No meu prédio tinha lixeiras coloridas, mas como ninguém pegava o lixo, paramos de colocar lá” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).*

Para encerrar as atividades da oficina, foi exibido o curta-metragem “A história das coisas”, que mostra desde a produção e o consumo dos bens, até seu descarte. Debates brevemente, e como atividade de fixação, pedimos um texto de qualquer gênero que esboçasse o entendimento a respeito de tudo o que realizamos no dia.

A realização das oficinas de sustentabilidade para o Ensino Fundamental trouxe evidências de sua eficácia, seja pelo envolvimento e participação entusiasmada dos discentes, seja pela aceitação do corpo docente.

Ao fim da atividade, analisamos que a oficina possibilitou aos alunos uma nova visão de sustentabilidade, integradora e simples, que começa com pequenas atitudes.

Não propusemos atitudes exageradas, radicais. Nosso intuito foi o “trabalho formiguinha”, que começa individualmente e alcança a coletividade. Do local, para o global. O consumir de forma responsável precisa tornar-se uma realidade. Implementar boas práticas na escola torna-se fundamental para a reflexão e orientação dos alunos sobre a temática ambiental e a visão integrada de mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluímos que a Geografia entra em cena ao se tornar uma

ferramenta de auxílio nos problemas ambientais. A educação ambiental assume um papel de destaque na construção da sociedade sustentável, propiciando processos de mudanças culturais em direção à instauração de uma lógica ecológica e de mudanças sociais em direção aos indivíduos, grupos e sociedades que se encontram em situação de vulnerabilidade frente aos desafios ambientais de hoje.

Algumas possíveis conclusões que podemos levantar são a viabilidade de se trabalhar com as oficinas de sustentabilidade nas aulas de Geografia nas séries finais do Ensino Fundamental – pois além da Base Nacional Comum ser compatível, nessa fase de desenvolvimento cognitivo os discentes apresentam grande receptividade com as atividades pedagógicas de caráter lúdico. Outro ponto relevante é que a Geografia trouxe evidências de que seu caráter multidisciplinar e integrador pode ser indispensável na contextualização das questões ambientais.

A discussão do tema sustentabilidade nas aulas de Geografia para o 6º ano do Ensino Fundamental por meio de oficinas apresentam-se como uma excelente ferramenta didática para relacionar os conceitos de sustentabilidade e meio ambiente, utilizando-se de didáticas lúdicas para captar a atenção dos alunos.

Em uma análise geral, as oficinas podem ser consideradas um sucesso, pois atingiram seu objetivo primordial de contribuir para a formação cidadã dos alunos por meio de práticas e reflexões sobre atitudes sustentáveis. Constatamos a necessidade de o profissional educador estar atento para os diferentes alunos que encontra em uma sala de aula, com seus graus de capacidade intelectual de aprendizagem com níveis variados. Pensar oficinas com atividades diversificadas onde todos puderam contribuir dentro do seu nível de saber, mostra que com este tipo de prática o professor consegue envolver os alunos, tornando o aprendizado mais participativo.

Os resultados das oficinas revelaram uma preocupação dos alunos para com o meio ambiente, mas percebemos também que possuem uma

conscientização quanto às atitudes e mudanças de seus hábitos, o que transcende a esfera da sala de aula.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria Sacramento. A formação do professor para a educação ambiental: a prática da pesquisa como eixo norteador. In: NETO, A. C.; FILHO, F. D. M.; BATISTA, M. S. S. (org.). **Educação ambiental: caminhos traçados, debates políticos e práticas escolares**. Brasília: Líber Livro, 2010. p.175-194.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é e o que não é**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

EFFTING, Tânia Regina. **Educação Ambiental nas escolas públicas: realidades e desafios**. 2007. Monografia (Especialização em Planejamento para o Desenvolvimento sustentável) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007.

FELDMANN, Fábio. A parte que os cabe: consumo sustentável? In: **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. São Paulo: Papirus, 13ª Ed., 1996.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: No consenso um embate?** Campinas: Papirus, 2000.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, Fernanda Chaves de. **As contribuições da Educação Ambiental para a Geografia no Ensino Fundamental: possíveis correlações**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2007.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete necessidades educacionais especiais. In: **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/necessidades-educacionais-especiais/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

MORAN, Emilio F. **Nós e a natureza: uma introdução às relações homem-ambiente**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**, 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

QUADROS, Alessandra de. **Educação Ambiental**: iniciativas populares e cidadania. Monografia (Especialização de Pós-Graduação em Educação Ambiental), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SIRKIS, Alfredo. O desafio ecológico das cidades. *In*: **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.